

## **ESTÉTICAS FEMININAS DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NAS AULAS DE ARTES/TEATRO**

Ludimila Souza Oliveira<sup>1</sup>  
Profa. Dra. Cristiane Santos Barreto<sup>2</sup>

### **INTRODUÇÃO**

O presente relato de experiência busca oferecer uma reflexão e avaliação do período compreendido entre novembro de 2022 a abril de 2023, durante o Programa Residência Pedagógica, CAPES/UFBA, na área de Artes/Teatro, vinculado à Universidade Federal da Bahia, Sob a orientação da professora Cristiane Barreto e com a supervisão da preceptora Tânia Flores, desenvolvemos nossas atividades no Colégio Estadual Euricles de Matos.


A experiência envolveu as metodologias do Teatro do Oprimido, Augusto Boal e do Teatro das Oprimidas, Bárbara Santos, destacando o protagonismo das mulheres negras artistas a partir das técnicas de Teatro jornal, Teatro imagem e a Estética do oprimido. Além disso, a obra e a história de Maria Auxiliadora, proporcionaram uma maior compreensão das Artes visuais e despertou o interesse dos estudantes pela produção artística de mulheres.

A vida é repleta de momentos que nos desafiam, nos fazem crescer e nos proporcionam oportunidades únicas de aprendizado. Nesse sentido, o Programa Residência Pedagógica, CAPES/UFBA, proporcionou uma incrível oportunidade de vivenciar uma experiência transformadora capaz de impactar positivamente um futuro enquanto professora e profissional mais bem qualificada para atender a realidade atual do ensino de artes-teatro no contexto do ensino público, sobretudo, no ensino fundamental II.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal da Bahia - UFBA, oliveira.ludimila@ufba.br;

<sup>2</sup> Orientadora do trabalho: Professora adjunta, do Departamento de Técnicas do Espetáculo, da Escola de Teatro, da Universidade Federal da Bahia, UFBA. Cristiane.barreto@ufba.br.




O trabalho inicialmente desenvolvido desempenhou um papel significativo ao explorar e compreender as abordagens e métodos para alcançar a práxis pedagógica efetiva - combinando teoria, prática e reflexão - no contexto do ensino de artes, com ênfase no teatro. O objetivo principal foi promover um impacto positivo na educação dos estudantes do 7º ano C da escola mencionada no período da primeira unidade.

Para alcançar esse objetivo, realizamos reflexões contínuas com os alunos e alunas, explorando o conceito de arte, suas diferentes linguagens e os agentes envolvidos, de acordo com as diretrizes estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular, Ensino Fundamental/BNCC (2018). Além disso, empreendemos pesquisas para conhecer a história de mulheres artistas, culminando no projeto de artes da escola intitulado "Mulheres além das flores", juntamente com o projeto "Mulheres de mim". Nesses projetos, buscamos refletir sobre os estereótipos de gênero e suas representações na cultura, visando mitigar as desigualdades de gênero que ainda persistem e afetam o desenvolvimento social humano em nossa sociedade atual.

Dessa forma, foi mantido um constante incentivo aos/as alunos(as) para que descobrissem representações femininas em diversas formas de expressão artística, com um enfoque especial na valorização da obra e da história de Maria Auxiliadora. Eles foram encorajados a criar textos, desenhos ou cenas inspirados em suas obras, o que contribuiu para o desenvolvimento de habilidades de análise, criatividade e crítica artística, assim como para o conhecimento dos elementos básicos das artes visuais e suas possibilidades.

Além disso, foi buscado promover o desenvolvimento de habilidades essenciais, como leitura, interpretação, escrita, comunicação, ritmo, coordenação motora, expressão corporal, expressão vocal e concentração.



Essas habilidades foram aprimoradas por meio da leitura de textos, notícias e imagens relacionados ao tema, proporcionando um ambiente rico e estimulante para o crescimento artístico e pessoal dos estudantes, com a máxima participação de toda a turma. Apesar dos desafios pós-pandêmicos quanto a alfabetização dos estudantes, foi criado um ambiente capaz de investigar proporcionar suas próprias expressões artísticas, ampliar seus horizontes culturais e fortalecer sua autoconfiança por meio do poder transformador das artes.

Para embasar teoricamente o trabalho, utilizamos um referencial composto por obras relevantes de Augusto Boal com "Jogos para atores e não-atores" (2014) e "A estética do oprimido" (2009), e "Teatro das Oprimidas: Estéticas Feministas para Poéticas Políticas" de Bárbara Santos (2016), exploraram o teatro como um poderoso meio de expressão e enfrentamento das opressões, estimulando a reflexão crítica e a transformação social.

## **METODOLOGIA**

Com início em novembro de 2022, o programa Residência Pedagógica, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), vinculado à Universidade Federal da Bahia (UFBA), no âmbito do curso de Licenciatura em Teatro, teve seus primeiros encontros marcados por apresentações e alinhamento, sob a orientação e mediação da Professora Dra. Cristiane Barreto.

Nesse período, tivemos a oportunidade de conhecer as preceptoras, as escolas envolvidas e estabelecer contato com os demais colegas residentes, compreendendo a abordagem prática do programa. Ademais, realizamos discussões para a seleção das instituições onde desempenharíamos nossas atividades. Dessa forma, juntamente com as colegas Brenda Nayla Santos Lima da Silva, Jindiane Silva de Oliveira, Juliana Maria Araújo de Oliveira e Natalie Souza Ferreira, decidimos atuar na Escola Estadual Euricles de Matos, localizada na Rua Oswaldo Cruz, 16 - Rio Vermelho, Salvador - BA, sob a preceptoria e a responsabilidade da professora de artes Tânia Flores, com as turmas do 9º e 7º anos.

Durante o período das férias escolares, que compreendeu os meses de novembro (2022) a fevereiro (2023), dedicamos tempo às visitas de campo e à adaptação na escola. Além disso, realizamos atividades complementares em casa e participamos de atividades formativas de acompanhamento. Durante esse período, também nos reunimos para elaborar o plano de ação para os meses de março a junho, incluindo o projeto "Mulheres além das flores".

Nosso objetivo central foi valorizar a presença e a representatividade feminina na arte, promovendo a inclusão e a visibilidade das mulheres como artistas e protagonistas no campo artístico. Além disso, buscamos ampliar o repertório artístico-cultural, reconhecendo o importante papel das mulheres na história da arte, tanto no passado quanto nas contribuições

contemporâneas. Também nos esforçamos para reconhecer e valorizar a diversidade de gênero presente na arte brasileira, abrindo espaço para diferentes identidades e perspectivas de gênero, e ampliando a representatividade de artistas que desafiaram estereótipos. E não ficamos apenas nisso, nosso objetivo também foi expandir o repertório de obras de arte produzidas por mulheres de diferentes etnias, classes sociais e identidades de gênero, proporcionando uma visão mais inclusiva e abrangente da produção artística contemporânea. Com essas ações, nos comprometemos a criar um ambiente artístico e cultural mais igualitário, diversificado e enriquecedor para as envolvidas.

Após a elaboração do plano de ação, cada uma de nós escolhemos onde atuar e então passei a me relacionar com o 7º ano C e planejar as aulas, com foco para artes visuais. Para isso, foram realizados levantamentos bibliográficos e os estudos com o E-book “Introdução as Artes Visuais” de Renata Cardoso da Silva (2021) trazendo uma base sólida para a compreensão dos elementos constitutivos da linguagem visual; o E-book "Gênero e sexualidade na escola", de Denise Bastos de Araújo, Izaura Santiago da Cruz e Maria da Conceição Carvalho Dantas (2018), fundamental na pesquisa para abordar a importância da discussão sobre gênero e sexualidade no contexto educacional e a busca pela equidade de gênero; O livro “Por toda parte” do 7º ano (2020) guiando-nos em conjunto com a comunidade escolar e os Parâmetros Curriculares Nacionais – Artes (1998), com destaque para a proposta triangular – Fazer, conhecer e apreciar – presente nos (PCNs) Ensino Fundamental II, difundida no Brasil por Ana Mae Barbosa (2003), servindo como guia fundamental e adotados como eixos de ensino e aprendizagem na elaboração dos planos de aula, entregues semanalmente à preceptora.

No entanto, ao longo do caminho, nos deparamos com diversos desafios, especialmente relacionados à compreensão abrangente do fazer teatral e suas possibilidades pedagógicas de ensino aprendizagem, indo além dos produtos artísticos, como era constantemente cobrado pela preceptora.

Foi necessário então, realizar constantes diálogos sobre o que acreditávamos, e continuamos acreditando – Que o teatro enquanto linguagem não se restringe ao produto artístico – mas atua também na reflexão e a conexão com o mundo ao nosso redor, e isso encontramos no processo. Nas trocas de conhecimentos, buscamos expandir a visão sobre o potencial



transformador e educativo do teatro, demonstrando a importância de explorar sua diversidade com outras formas e possibilidades.

Assim, no decorrer da experiência com a turma do 7º ano, a abordagem escolhida não se limitou à criação de produtos artísticos, mas sim ao processo vivenciado pelas estudantes, seguindo a perspectiva da Estética do Oprimido de Boal (2009), que assim como outras técnicas do arsenal do T.O está relacionada aos três mais potentes canais da comunicação estética – Som, Imagem e Palavra! – para isso foram realizados diversos jogos com imagens, sons e palavras, que fomos conhecendo e experimentando nas rodas de conversa, incentivando os alunos a compartilharem seus conhecimentos e desenvolverem esses canais de comunicação.

Ao longo desse percurso, compreendemos o espaço cênico não apenas como o palco tradicional, mas também como um espaço presente em diferentes contextos, como em casa, na escola ou mesmo quando o aluno assume o protagonismo ao conduzir uma atividade. Para tanto, foi valorizada a possibilidade de observação e auto-observação, formação de discurso e argumento, participação e observação participante dos mais tímidos, em uma espécie de dança entre o conhecer, o fazer e o apreciar através das artes visuais em contato com a estética do oprimido, permitindo que os estudantes atuassem tanto como atores quanto como espectadores no "espetáculo da aprendizagem" uns dos outros, conforme podemos ver na imagem – 1.



Imagem – 1: “Espetáculo da aprendizagem”, segunda semana de aula – Aluno compartilhando com a turma seus conhecimentos, Salvador, BA, abril, 2023.



Fonte: Ludimila Oliveira

Fomentamos a participação democrática em rodas de discussão, buscando a participação de todos e todas alunos/alunas, em um caminho com práticas e exercícios constantes de ativação dos sentidos, que buscava contemplar as categorias do T.O, sendo as mais utilizadas - Sentir tudo o que se toca, escutar tudo o que se ouve e ver tudo o que se olha - através dos jogos com potencial para desmecanizar os corpos de alunos de 11 a 16 anos, que passavam a maior parte da sua jornada escolar sentados em carteiras enfileiradas, com salas lotadas e quentes, com enfoque para valorização das estéticas produzidas por mulheres.

Dessa forma, o fazer teatral pelo trajeto das artes visuais, favoreceu um ambiente capaz de exercitar as musculaturas contra os opressores que usam os canais estéticos para intensificar a opressão através da docilidade obediente dos oprimidos (Boal, 2009). E em resposta a isso, meninos e meninas eram levados a aumentar seus repertórios e representações de mulheres produtoras de arte e cultura, na escola e em casa com pesquisas.

## REFERENCIAL TEÓRICO

No período de atividades educacionais, os alunos tiveram a oportunidade de refletir sobre o significado da arte em suas vidas e no cotidiano. Foi estimulado o senso crítico em relação às imagens consumidas e às mensagens que elas expressam. Uma das atividades propostas foi a pesquisa sobre a vida e obra de mulheres artistas, e houve uma adesão excepcional. Diversas personalidades foram trazidas pelos alunos e alunas, com destaque para um grande número de mulheres negras que serviram de inspiração, como as cantoras Ludmilla, Tasha e Tracie, Marília Mendonça, Jôjô Todinho e até mesmo suas próprias mães. Essa participação evidencia uma conquista importante na busca por familiarizar meninos e meninas com o protagonismo da mulher na sociedade, especialmente das mulheres negras, que na história e na contemporaneidade ainda estão sujeitas a espaços que ratificam as opressões.

À vista disso, durante o estudo dos elementos das artes visuais, sua linguagem e intersecções com o fazer teatral, as obras de Maria Auxiliadora foram centrais e muito úteis para os diálogos e microevoluções em sala de aula ao passo que investigamos sua vida e obra, que apesar de marcada por inúmeras opressões de classe, gênero e etnia, conquistou reconhecimento e ascensão nas artes visuais, mesmo onde, assim como em outras áreas de conhecimento, a estética do opressor é quem domina propagando “uma estética colonialista, eurocêntrica e patriarcal” (SANTOS, pag. 87)

Nesse sentido, a apreciação de suas obras, com cenas da vida rural, manifestações culturais, cerimônias em terreiro de umbanda, festas juninas, reinados em momentos de êxtase e velórios, proporcionou uma atmosfera de identificações e aproximação com os alunos que iam destacando, como nos jogos de palavras os adjetivos em relação a vida e obra da artista. Despertando a curiosidade de uns e o interesse em compartilhar os conhecimentos em outros. Como podemos ver na imagem – 2.



Imagem – 2: “Sopa de palavras”, terceira semana de aula – Quadro com palavras relacionadas a Maria Auxiliadora. “Brasileira, afrodescendente, da umbanda, artista, mulher, pintora, cheia de visão, pensativa, bordadeira, bonita, macumbeira, mineira, inspiradora, talentosa e criativa”. Salvador, BA, março, 2023.

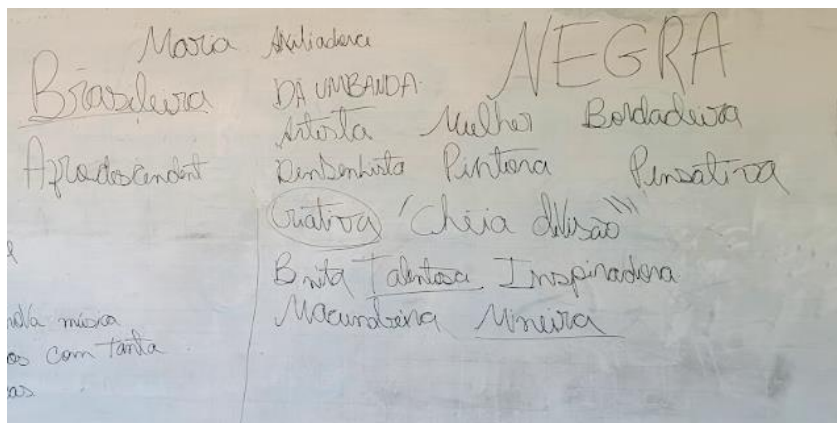



Foto: Ludimila Oliveira

Foi perceptível o brilho nos olhos dos/das alunos/alunas ao se identificarem com uma artista negra – sendo a maioria da turma composta por crianças negras – Assim, a apreciação da obra e da história de Maria Auxiliadora proporcionou uma maior compreensão da linguagem da artes visuais e o estilo Nãif, bem como, a positivação da representação das mulheres negras nas artes, influenciando uma experimentação mais livre entre os(as) estudantes, em relação a texturas e cores diversas, permitindo uma exploração mais rica, criativa e autêntica.

Em uma aula específica, onde um aluno levantou uma questão ao compartilhar o que via em uma das obras da artista: a representação de pessoas escravizadas. Isso gerou uma discussão na qual outros alunos problematizaram e questionaram se, na verdade, não se tratava de um momento importante para a comunidade, considerando o contexto do cultivo do alimento. Estávamos em fluxo crítico e foi uma experiência enriquecedora ver o aluno debatendo e compreendendo diferentes perspectivas do papel das pessoas negras na sociedade. Nesse sentido, fica evidente a importância de conhecer e apreciar no contexto do ensinoaprendizagem. Isso deve ser combinado com a abertura para ouvir os estudantes, pois é a partir dessa postura que surgem novas possibilidades para trabalhar habilidades como o sensu crítico e o autoconhecimento.

Outra atividade realizada foi a construção de um teatro jornal, no qual os alunos trouxeram recortes de notícias sobre mulheres artistas bem-sucedidas, incluindo até mesmo






notícias sobre a jogadora de futebol, Marta e outras mulheres do esporte que são consideradas verdadeiras artistas com seus artifícios nos jogos. Apesar da aderência do aluno às notícias, infelizmente não conseguimos explorar mais da técnica, devido mais os feriados e algumas mudanças na dinâmica das aulas impediram de aprofundar os diálogos em grupo na sala. No entanto, compreende-se que a busca, análise e seleção das notícias que mais impressionaram, permitiram o desenvolvimento de habilidades de análise e crítica artística. Além disso, a leitura de textos e a realização de atividades no caderno relacionadas, possibilitaram o aprimoramento das habilidades de leitura, interpretação e produção artística. Conforme iam sendo entregues as atividades, foi possível monitorar ainda o interesse por cantoras, atrizes e jogadoras recebendo premiações e sendo notadas pelo talento e inovação.

As discussões em torno dos estereótipos de gênero também foram parte fundamental do trabalho. Por meio da estética e atividades com argila, estimulou-se a criatividade e o desenvolvimento motor dos/das alunas/as, ao serem incitados a produzirem brinquedos de meninos e brinquedos de meninas. Vale ressaltar, que a medida de levar a argila foi tomada para contornar o desafio enfrentado com a maioria dos estudantes que não lembravam de levar os objetos solicitados, com a exceção de alguns.

Foi uma bagunça enriquecedora e alegre, com muito significado e potencial para a discussão, apesar de muitos ali, provavelmente, por nunca antes terem experimentado as possibilidades de dar forma com a argila – poderiam não apenas consumir, mas produzir arte em sua importância estética, e dar vida a suas ideias de como são brinquedos de meninos e brinquedos de meninas.

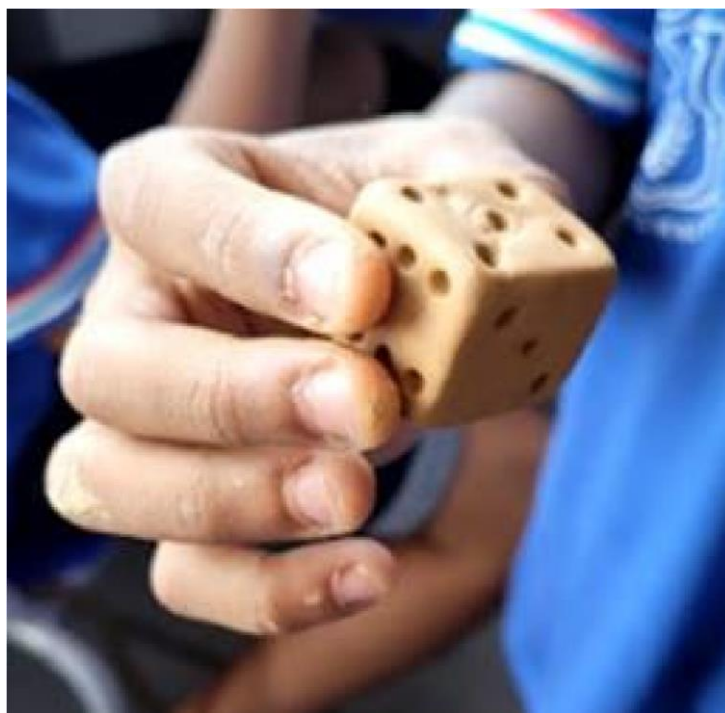
Para Boal, o estímulo à produção estética, mesmo que sem os domínios da técnica desempenha uma função de autoestima para o indivíduo que ao produzir uma obra “o novo artista, mesmo que não chegue a produzir obras para museus, sente o prazer de ser reconhecido como insubstituível naquilo que faz e que só ele ou ela sabem fazer do jeito que fazem. (2009, p. 167)



Além do mais, ficou evidente durante o exercício que as representações dos brinquedos para meninos estavam mais relacionados ao jogo e a diversão, surgindo objetos como dados e bolas, de acordo com a Imagem – 3, enquanto os brinquedos para meninas estavam mais

associados não a brinquedos propriamente ditos, mas surgem imagens ligadas ao corpo feminino, aos cuidados com a beleza, como vemos na Imagem 4 e itens domésticos como xicara, como condiz na e Imagem 5. As Representações expressas a partir de uma única indicação: Reproduzir na argila um brinquedo que seja considerado de menina ou menino – tornando aparente o que estava neles e nelas impregnado em seus imaginários, permitindo uma reflexão em conjunto na observação de suas produções estéticas.

Imagem – 3: Representação do “brinquedo de menino” com argila produzido por um estudante. Quarta semana de aula. Salvador, BA, abril, 2023.



Fonte: Ludimila Oliveira

Imagem – 4: Representação do “brinquedo de menina” com argila produzido por uma estudantes. Quarta semana de aula. Salvador, BA, abril, 2023.



Fonte: Ludimila Oliveira

Imagem – 5: Representação do “brinquedo de menina” com argila produzido por uma estudantes. Quarta semana de aula. Salvador, BA, abril, 2023



Fonte: Ludimila Oliveira

Nesse contexto, é crucial que a educação desempenhe um papel ativo na correção dessas distorções históricas que condensam o ideal feminino e masculino. Estudar gênero e raça na sala de aula permite resgatar narrativas que foram apagadas ou distorcidas ao longo do tempo. Isso não apenas enriquece o currículo educacional, mas também permite que essas histórias resplandeçam no processo do ensino-aprendizagem. O uso do fazer teatral na sala de aula e das artes visuais através da estética do oprimido é uma ferramenta poderosa para esse propósito, pois envolve os estudantes de maneira criativa e reflexiva.

Apesar da empolgação dos(as) alunos(as) com o contato com a argila, foi possível estimulá-los a reflexão ao serem questionados a quem pertenciam os brinquedos e por quê. Entre uma das respostas que surgiram, a fala de um dos meninos me chamou a atenção, ao afirmar que a bolsa (representações em argila) ao centro da sala só poderia pertencer a uma mulher ou um “veado!”. Nesse sentido, a fala não só reforçava os estereótipos de gênero, como também evidenciava a homofobia como outro mecanismo a ser investigado e desconstruído em sala de aula.

Imagem – 5: “Conversa sobre os brinquedos”, quarta semana de aula – Estudantes em roda refletindo e discutindo em atividade. Salvador, BA, abril, 2023.



Fonte: Ludimila Oliveira

Infelizmente, a aula já estava acabando e ali seria o nosso último encontro naquela escola, o que impediu a continuidade das reflexões e questionamento das imagens incorporadas na argila.

Em suma, a própria experiência reforçou a necessidade de explorarmos de forma continuada ações para a inclusão de gênero, a fim de combater os preconceitos que estão enraizados em nossa cultura, que só findará quando proporcionarmos mais espaços de diálogos equitativos e empoderando de meninos e meninas, especialmente as meninas que desde cedo tem seus corpos disputados pelos padrões(indústrias) de beleza e as imagens reforçadas da boa menina/mulher ideal. “Imagens ratificadas no sistema educacional e também em toda a educação informal, as quais reforçam um imaginário do que é/seria “ser mulher” (Santos, Pg. 87).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A abordagem teórica embasada nos autores e autoras nas obras mencionadas, enriqueceu as discussões e ampliou o repertório cultural dos alunos e alunas, proporcionando uma visão mais ampla sobre a importância da arte, suas linguagens e formas, da igualdade de gênero na sociedade, e foi possível a partir da experiência, observar um maior engajamento e participação dos estudantes nas atividades propostas. Eles demonstraram maior interesse pela arte, tanto na sua apreciação, lendo slides e materiais didáticos levados para aula, quanto na produção própria. Houve um desenvolvimento significativo das habilidades de expressão, criatividade, análise crítica, comunicação e concentração, dentro do possível no tempo que tínhamos.

Os estudantes apresentaram uma maior consciência em relação aos estereótipos de gênero e suas representações na cultura. Eles(as) foram capazes de identificarem elementos constitutivos da linguagem artística e compreenderem a importância do respeito às diferenças culturais, estéticas e sociais. Foi notável o aumento da autoconfiança dos estudantes ao se expressarem artisticamente e ao compartilharem suas opiniões e ideias em frente a turma ou de seus lugares.

Além disso, ao abordar questões de gênero, raça e resistência negra nas artes em sala de aula, estamos potencializando um diálogo importante. Isso ajuda a sensibilizar os estudantes para as questões de igualdade, justiça social e direitos humanos. Além disso, contribui para a construção de valores positivos da cultura de equidade. Ao discutir questões de gênero e raça, estamos promovendo a consciência sobre as desigualdades históricas e contemporâneas que afetam grupos marginalizados em nossa sociedade.

Portanto, ao destacar a produção artística das estudantes e promover a reflexão sobre gênero e raça, estamos contribuindo para a positividade da imagem da mulher negra e para a valorização de sua contribuição cultural.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Residência Pedagógica na área de Teatro proporcionou uma experiência enriquecedora, tanto para os alunos envolvidos quanto para o meu desenvolvimento profissional. Ao longo desse período, pude vivenciar a importância da arte e do teatro no ensino-aprendizagem, capazes de promover a reflexão, o desenvolvimento da criatividade e a valorização da diversidade cultural.

A contextualização das atividades no ambiente escolar permitiu estabelecer uma conexão entre os conhecimentos teóricos adquiridos antes e durante a graduação e a prática docente no ensino formal. Através da aplicação de diferentes metodologias, como jogos, discussões, processo e produção artística, foi possível despertar o interesse dos alunos, incentivando-os a participar ativamente das atividades propostas.

Os resultados obtidos foram bastante satisfatórios. Os estudantes demonstraram uma maior conscientização sobre as questões de gênero presentes na sociedade e uma ampliação do repertório cultural, sobretudo, com referências femininas.

Através do contato direto com os alunos e as alunas, pude compreender a importância de uma abordagem pedagógica que valorize as expressões artísticas femininas, estimule o pensamento crítico e promova a igualdade de gênero.

Em suma, as habilidades e conhecimentos adquiridos durante a prática na Residência Pedagógica serão fundamentais na construção de um ensino de qualidade. Estudar gênero e raça

na sala de aula é essencial para corrigir distorções históricas, promover valores de equidade e justiça social, e sensibilizar os estudantes para as questões de discriminação e preconceito. Isso não apenas enriquece a educação, mas também contribui para a formação de cidadãos críticos e conscientes, capazes de enfrentar os desafios de uma sociedade diversa e complexa.

**Palavras-chave:** Estéticas; Teatro Das Oprimidas; Teatro Dos Oprimidos; Diversidade; Gênero.

## **REFERÊNCIAS:**

BOAL, Augusto. **A Estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC / SEF, 1998.

SANTOS, Bárbara. **Teatro das Oprimidas: Estéticas Feministas para poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.